



MORFOLOGIA AVALIATIVA EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

CÉSAR ELIDIO MARANGONI JUNIOR*

RESUMO

A partir de Scalise (1984), há o surgimento do debate acerca da natureza da chamada morfologia avaliativa e da tentativa de encaixá-la em algum dos componentes da arquitetura da gramática do falante. Neste artigo, proponho que a morfologia avaliativa é analisada de maneira direta num modelo teórico como a Morfologia Distribuída, o qual permite a sistematização da interface morfologia-semântica-pragmática que é perceptível na leitura avaliativa que os diminutivos, os aumentativos, as formas truncadas e os *blends*, por exemplo, podem apresentar. *Grosso modo*, assumo que os processos envolvidos na derivação de formas como essas podem receber uma análise unificada a partir da postulação da existência de um traço dissociado [Eval], que, adicionado a uma estrutura derivada já categorizada, é o responsável pela escolha do item de vocabulário adequado; além disso, tal derivação permite que defendamos a existência de efeitos pragmáticos atrelados a diminutivos, aumentativos, pejorativos e afetivos. Caracteriza-se, assim, a interface morfologia-semântica-pragmática: um expoente morfofonológico realiza uma informação semântico-pragmática que diz respeito à atitude ou ao sentimento do falante perante um objeto, uma situação ou uma pessoa.

Palavras-chave: morfologia avaliativa, interface morfologia-semântica-pragmática, Morfologia Distribuída

ABSTRACT

Since Scalise (1984), the debate about evaluative morphology and the attempt to fit it in one of the components of speakers' grammar architecture has emerged. In this article, I propose that evaluative morphology is straightforwardly analyzed in a theory like Distributed Morphology, which enables us to systematize the morphology-semantics-pragmatics interface that is perceptible in the evaluative reading which diminutives, augmentatives, truncated forms and blends, for example, might exhibit. Roughly speaking, I assume that the processes involved in the derivation of forms such as those receive a unified analysis by postulating the presence of a dissociated feature [Eval] that is responsible for choosing the correct vocabulary item when concatenated to the structure already categorized. Furthermore, this type of derivation allows us to advocate for the existence of pragmatic effects hitched up to diminutives, augmentatives, pejoratives and endearings. The morphology-semantics-pragmatics interface is, therefore, characterized like that: a morphophonological exponent realizes a semantic-pragmatic information that concerns the speaker's attitude or feeling towards an event, a situation or a person.

Keywords: evaluative morphology, morphology-semantics-pragmatics interface, Distributed Morphology

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *E-mail:* cesar.marangoni@usp.br. Agradeço aos avaliadores anônimos pelos apontamentos extremamente pertinentes, à minha orientadora Ana Paula Scher pela interlocução e carinho nesses anos todos de mestrado e doutorado, ao Maurício Resende pela gentileza em se dispor a ler minhas produções e fazer comentários essenciais, à Cláudia Souza pela ajuda em diversos pontos e discussões presentes nesse artigo, aos colegas do GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída) pela ajuda de sempre e ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa (processo 140333/2021-5).

1 INTRODUÇÃO

Körtvélyessy (2015) define morfologia avaliativa como o rótulo utilizado para descrever objetos linguísticos que satisfazem uma condição semântico-funcional e uma condição formal. No caso da primeira condição, a construção em questão indica a posição do falante acerca de um dado evento, uma dada pessoa ou de um dado objeto, de modo que haja a atribuição de um valor que seja diferente daquele considerado padrão ou *default* em uma dada escala semântica, isto é, há o movimento em direção à extremidade positiva ou negativa de uma escala de valores. No caso da segunda condição, as construções avaliativas devem apresentar, em termos formais, a expressão explícita do valor padrão reconhecido pelos falantes da língua no mundo real e a marca avaliativa em si, a qual codifica diretamente a mudança semântica já referida – tal marca pode ser dada, por exemplo, por um sufixo, um prefixo, um circunfixo, uma reduplicação, uma forma truncada¹, um *blend*² etc, a depender dos mecanismos morfológicos utilizados pela língua em questão.

No português brasileiro (daqui em diante, PB), assim como nas línguas românicas de modo geral, podemos perceber a existência de um número considerável de construções avaliativas que, apesar de possuírem expoentes morfofonológicos diferentes, revelam a existência de leituras pragmáticas semelhantes. Em (1) abaixo trago uma exemplificação inicial e não exaustiva de formas morfológicas que considero como avaliativas neste artigo, sendo que em (1)a temos uma leitura semântica de intensidade (movimento em direção à extremidade positiva da escala semântica), em (1)b temos uma leitura semântica de afetividade (movimento em direção à extremidade positiva da escala semântica) e em (1) c-d temos uma leitura semântica de pejoratividade (movimento em direção à extremidade negativa da escala semântica). Em (2) trago uma exemplificação de contextos sintáticos em que algumas das palavras elencadas aparecem em contextos virtuais³.

(1) Morfologia avaliativa no PB:

- a. Mãez**ona**, paiz**ão**, amig**ão**, music**ão**, jogadora**ça**, ponta**ço**, fazenda**ça**⁴

1 De maneira geral, as formas truncadas se caracterizam por uma redução do corpo fônico da palavra, se comparada a uma forma não reduzida que lhe corresponda em significado, e apresentam uma leitura apreciativa – exemplo: *padoca*, a partir de *padaria* (cf. GONÇALVES, 2016; SCHER, 2018).

2 *Grosso modo*, um *blend* é comumente definido como o resultado de um processo de formação de lexemas a partir da fusão de partes de pelo menos duas palavras-fonte, sendo que pelo menos uma delas deve ser reduzida no processo ou deve haver algum tipo de sobreposição gráfica ou fonológica das palavras-fonte – exemplo: *namorido*, a partir de *namorado* e *marido* (cf. GRIES, 2004, p. 639; MARANGONI JUNIOR, 2021).

3 Para fins de exemplificação, utilizo usos das palavras em contextos virtuais, principalmente no caso das redes sociais; os exemplos em (2), por exemplo, foram retirados da rede social Twitter, a qual é um grande repositório de usos atuais de formas linguísticas e que considero como fonte interessante para *corpora* de pesquisas no âmbito da linguística.

4 A intenção aqui é sobretudo a de trazer exemplos em que sufixos avaliativos podem refletir um efeito positivo; todavia, em consonância com o que aponta um dos pareceristas, é notório que o aumentativo não é sempre positivo: ele pode trazer um sentido negativo/pejorativo (*bundão*, *cuzão*, *vacilão*, *chorão*) ou ainda um sentido irônico.

- b. **Piadoca**⁵, **ferzoca**, **lidoca** (de Lidiani), **motoca**, **companheiro****ta**, **amigota**, **fofuxo**, **fofuxa**, **almoçuxo**
 - c. **Republiqueta**, **pobreta**, **timeco**, **bregoso**
 - d. Chernoboy (Chernobyl + Boy), chernomacho (Chernobyl + Macho), chernolê (Chernobyl + Rolê)
- (2) Exemplificação de contextos sintáticos para a morfologia avaliativa no PB:
- a. “Não vejo a hora de ser motorizada pra poder ser a **mãezona** e buscar meus amigos bêbados no rolê.”
 - b. “Hoje por algum motivo eu lembrei de summer eletrohits e lá só tem **musição**.”
 - c. “Tatá Werneck poderia ensinar quais métodos ela usou na paquera com o Rafa Vitti pois seria de grande ajuda para mulheres que só sabem fazer **piadoca** e kikiki uma **palhaçadinha** e esquecem de flertar.”
 - d. “Pra você ganhar o apelido de **chernomacho** é porque foi feio o negócio.”
 - e. “Fun fact: hoje a Pocah chega no top 5 do BBB apenas dormindo, retocando o bronze e chorando quando era votada. **Jogadoraça**.”
 - f. “Mais um dia normal na **republiqueta** do Brasil!”

A análise da morfologia avaliativa deve levar em conta, inicialmente, duas questões cruciais. Primeiro, é necessário explicitarmos exatamente o que se entende por morfologia avaliativa e quais aspectos linguísticos estão envolvidos na sua formação. Segundo, num modelo gerativo de arquitetura da gramática, é importante estabelecermos em qual componente dessa arquitetura tais objetos linguísticos são formados. Além disso, resalto que, apesar das diferentes leituras semânticas⁶ observáveis nos exemplos acima e nos casos de morfologia avaliativa em geral, há uma regularidade na formação de objetos morfossintáticos avaliativos no nível da palavra⁷, a qual é dada pela uniformidade de sua derivação em termos da interface morfologia-semântica-pragmática. O objetivo central deste artigo é, portanto, propor uma análise unificada para os casos elencados acima, a qual se baseia na relação entre um aspecto formal e um aspecto semântico-pragmático, ressaltando as vantagens do modelo da Morfologia Distribuída (daqui em diante, MD) na derivação de elementos concernentes à morfologia avaliativa.

5 Parece-me que *piadoca* pode também ter uma leitura pejorativa: ‘uma piada ruim’.

6 Um ponto crucial do trabalho é a delimitação, no cerne da morfologia avaliativa, de quais aspectos são considerados semânticos e quais aspectos são considerados pragmáticos. Com base em Prieto (2015), para a semântica dos avaliativos, e Merlini Barbaresi (2015), para a pragmática dos avaliativos, considero que, por um lado, os casos de morfologia avaliativa analisados neste artigo estão relacionados à codificação de uma leitura semântica específica – conforme veremos adiante, essa leitura é dada pela avaliação dita qualitativa, em que há uma especialização semântica realizada por parte da falante, a qual deixa explícito um julgamento de valor perante um objeto, uma ação ou uma pessoa; por outro lado, essa leitura semântica específica pode desencadear um efeito pragmático, o qual pode ser um efeito de ironia, de afeto (por exemplo, num contexto de uso de diminutivos entre pais e filhos pequenos) e de eufemismo, para citar alguns – aqui, considera-se que os aspectos pragmáticos dizem respeito, primordialmente, à relação interpessoal discursiva estabelecida entre falante e ouvinte.

7 O uso do termo *palavra* neste artigo se refere unicamente àquilo que palavra representa no senso comum; não está, portanto, atrelado a nenhuma definição específica de palavra nos estudos e modelos morfológicos, visto que, principalmente, o modelo teórico adotado nesta análise não considera a palavra como um primitivo teórico.

Dessa forma, este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção “Morfologia avaliativa: descrição e teorização”, apresento aquilo que entendo por avaliação e o que deve ser levado em conta na abordagem do fenômeno em um dado modelo teórico; isso é feito principalmente com base na revisão de estudos anteriores que se dedicaram à explicitação desse tipo de morfologia. Em seguida, na seção “Morfologia avaliativa em Morfologia Distribuída”, apresento uma proposta de análise para o fenômeno no cerne do modelo da MD, sendo que tal proposta parte fundamentalmente da reinterpretação daquilo que os autores (cf. DRESSLER; MERLINI BARBARESI, 2017; MATTIELLO, 2013) chamam de *extragramaticalidade*: neste artigo, a morfologia avaliativa é vista em termos da interface morfologia-semântica-pragmática, de maneira que um dado expoente fonológico esteja relacionado a uma dada leitura semântico-pragmática. Por fim, trago as considerações finais e as referências aqui utilizadas.

2 MORFOLOGIA AVALIATIVA: DESCRIÇÃO E TEORIZAÇÃO

Scalise (1984) observa que certos afixos do italiano e de outras línguas românicas possuem um comportamento que não se assemelha totalmente nem à flexão e nem à derivação; ele dá o nome de sufixos avaliativos a tais afixos. Isso acontece, por exemplo, com o sufixo de diminutivo *-ino* (*tavolo* ‘mesa’ → *tavolino* ‘mesa pequena’). Segundo o autor, os sufixos avaliativos apresentam as características elencadas em (3)a-f. Villalva (2000), na esteira do trabalho de Scalise (1984), acrescenta as características em (3)g-h na sua análise da modificação morfológica, defendendo que os modificadores morfológicos se afastam da flexão e da derivação pelo fato de não serem nem especificadores nem núcleos, estando sua função, portanto, restrita à modificação semântica da base numa estrutura de adjunção. Marangoni Junior (2021, p. 104) adiciona a característica em (3)i para os casos de morfologia avaliativa, evidenciando que estamos diante de um caso claro de interface morfologia-pragmática.

- (3) Características da morfologia avaliativa (cf. SCALISE, 1984, p. 132-133; VILLALVA, 2000, p. 253-261; MARANGONI JUNIOR, 2021, p. 104)
 - a. Os sufixos avaliativos alteram a interpretação semântica da base⁸;
 - b. Pode haver aplicações repetidas de regras em ciclos adjacentes (isto é, é possível uma estrutura com duas marcas de diminutivo adjacentes);
 - c. É possível haver a aplicação de mais de uma regra do mesmo tipo, sendo o resultado uma palavra possível (isto é, é possível uma estrutura com dois tipos de avaliação diferentes, por exemplo, um diminutivo e um afetivo);

8 Apesar de haver manutenção do referente, a modificação semântica se dá pela alteração do significado da formação em questão, de modo que, além de seu significado básico, também seja veiculada a posição do falante diante de tal objeto/ação/pessoa – por exemplo: elenco versus elencaço (aqui, tem-se uma avaliação adicional, por parte da falante, acerca da qualidade do trabalho dos indivíduos que compõem um dado elenco, considerando-a, num primeiro momento, como positiva) (cf. MARTÍN CALVO, 2019, p. 140-141).

- d. Os sufixos avaliativos ocupam uma posição mais externa no que diz respeito aos sufixos derivacionais e uma posição mais interna no que diz respeito aos sufixos flexionais;
- e. Os sufixos avaliativos não alteram a categoria sintática da base à qual se adjungem;
- f. Os sufixos avaliativos não alteram os traços sintáticos e o quadro de subcategorização da base (isto é, sua estrutura argumental);
- g. Os sufixos avaliativos não alteram as propriedades morfossemânticas⁹ da base (animacidade, por exemplo);
- h. Os sufixos avaliativos não alteram o valor de gênero da forma de base;
- i. A morfologia avaliativa desencadeia uma leitura pragmática¹⁰.

A percepção de que os sufixos avaliativos apresentam características que os aproximam da derivação (características (3)a-c), de um lado, e que os aproximam da flexão (características (3)e-h), por outro lado, além de possuir características próprias (características (3)d,i), levou Scalise (1984) a propor que tais sufixos estão regulados por um conjunto independente de regras de formação de palavras: as regras avaliativas. Nesse sentido, o componente morfológico seria formado por uma divisão tripartite ordenada: regras derivacionais de formação de palavras → regras avaliativas → regras flexionais.

Esse estudo inicial sobre os sufixos avaliativos é de suma importância para os estudos morfológicos, uma vez que suscitou o debate acerca de processos no nível da palavra que apresentam uma leitura avaliativa. Um dos questionamentos principais é acerca do local em que ocorre a formação de tais objetos linguísticos num modelo gerativo de arquitetura da gramática. Stump (1993), por exemplo, argumenta contra a existência de um local separado da morfologia para os casos avaliativos; nesse sentido, o linguista propõe uma classe de regras, as chamadas regras de derivação e de composição que preservam a categoria das bases. Beard (1995) distingue quatro tipos de regras derivacionais, entre as quais estão presentes as derivações expressivas, as quais estão relacionadas à avaliação, por parte do falante, acerca de seu referente, e que são universalmente expressas por cinco funções: os diminutivos, os aumentativos, os pejorativos, os afetivos e os honoríficos.

Conforme apontam Grandi e Körtvélyessy (2015), a assunção de que a morfologia avaliativa estaria alocada em um local específico e bem delimitado não é comprovada empiricamente: enquanto nas línguas românicas as palavras com leitura avaliativa se comportam como palavras derivadas, nas línguas bantu, por exemplo, elas têm um comportamento flexional. Ademais, o uso produtivo de casos de avaliação no nível morfológico é algo restrito a

9 Conforme aponta um parecerista, isso parece contradizer a característica existente em (3)a. Todavia, a interpretação que faço dos textos considera que a característica em (3)a diz respeito à interpretação semântico-pragmática da formação e a característica em (3)g diz respeito às propriedades morfossemânticas que são sintaticamente relevantes (traços [+/- humano], [+/- animado], [+/- contável], entre outros).

10 Na análise do autor, a leitura pragmática em questão é dada pela existência de um morfema avaliativo que, em adição à sua função de modificação semântica do significado da estrutura, ainda desencadeia certos efeitos pragmáticos específicos: pejoratividade, afetividade, jocosidade e criatividade – tais efeitos mostrariam a posição da falante no discurso perante aquilo sobre o que ela fala.

algumas línguas, visto que várias delas não possuem diminutivos, aumentativos, pejorativos e/ou afetivos, o que enfraquece a hipótese de que haveria um lugar universal na arquitetura da gramática para os casos em questão. Isso nos mostra também que, apesar de não haver um consenso em termos de análise teórica, os linguistas parecem concordar na defesa de que a morfologia avaliativa tem uma natureza excepcional no que diz respeito à dicotomia flexão-derivação, uma vez que não se adequa totalmente às características de nenhuma das duas, conforme visto anteriormente.

Os autores também trazem uma classificação geral das funções que as formações avaliativas podem exercer em uma determinada língua: diminuição em quantidade ou qualidade, aumento em qualidade ou quantidade, variação de idade, aproximação/redução/atenuação, intensificação, afetividade, hipocorismo¹¹, expressão de uma posição social, desprezo e autenticidade (GRANDI; KÖRTVÉLYESSY, 2015, p. 9-10). Tais funções revelam o caráter eminentemente semântico-pragmático das formações, uma vez que dizem respeito à codificação de certos fatores extralinguísticos na linguagem, seja ela de tamanho de um dado objeto no mundo, seja ela de intenção do falante no ato de fala em questão, por exemplo, atenuação ou intensificação. Em termos discursivos, portanto, dizem respeito a uma relação entre falante e ouvinte, ou entre falante e objeto referido, que pode ser positiva ou negativa em termos da escala semântica em questão.

Nesse cenário, podemos perceber a existência de dois tipos essenciais de avaliação: a descritiva ou quantitativa e a qualitativa. A primeira diz respeito à avaliação de um dado objeto, de uma dada pessoa ou de uma dada ação em termos tangíveis e se baseando em suas características físicas e/ou reais (tamanho, formato), o que configura um âmbito de análise mais objetivo; a segunda diz respeito à forma pela qual o falante interpreta tal situação, baseando-se essencialmente em seus sentimentos e opiniões, o que configura um âmbito de análise mais subjetivo. Conforme apontam os autores, “na avaliação quantitativa/descritiva, há um desvio [em relação a um dado padrão] objetivo, observável e evidente. Na avaliação qualitativa, o falante percebe ou sente tal desvio.” (GRANDI; KÖRTVÉLYESSY, 2015, p. 10, tradução minha)¹². Dito de outro modo, podemos pensar que a primeira estaria relacionada à descrição em termos de uma dada propriedade física¹³, a qual determinaria a escala semântica de avaliação, enquanto a segunda estaria relacionada à interpretação e, portanto, a escala semântica em questão levaria em conta o sentimento do falante, seja ele positivo ou negativo.

11 Os hipocorísticos, um subtipo dos “apelidos”, correspondem ao processo através do qual nomes próprios são abreviados de maneira a criar uma forma de chamamento que denota afetividade, sendo que tal forma resultante tem uma relação direta com o prenome – por exemplo, *Ju*, a partir de *Juliana* (cf. GONÇALVES, 2016, p. 72-73).

12 No original: “*In quantitative/descriptive evaluation there is an objective, observable, evident deviation. In qualitative evaluation the speaker perceives or feels a deviation.*”

13 Conforme aponta um parecerista anônimo, objetos abstratos também podem receber marcas de avaliação – por exemplo, *uma grande alegria/tristeza, amorção, amorzinho*. Todavia, isso não parece trazer grandes problemas para a divisão feita acima entre avaliação quantitativa e avaliação qualitativa, uma vez que, no caso dos nomes abstratos citados acima, a avaliação existente parece ser qualitativa, pois demonstra a atitude do falante perante um sentimento (no caso de *amorzinho*, por exemplo, cria-se o efeito de afetividade em alguns contextos).

Um exemplo de abordagem no âmbito semântico é o trabalho seminal de Jurafsky (1996), que defende que a origem para os casos de diminutivo¹⁴ estaria no conceito de *criança*, sendo que a razão para isso estaria aparentemente na ligação entre corpo e mundo que é feita inicialmente pela criança, já que, conforme aponta Prieto (2015, p. 21), haveria uma relação direta entre a noção de *pequeno* e de *grande* e a questão do tamanho, uma propriedade de corpos humanos e de objetos, e isso seria percebido fisiologicamente através da visão. A partir desse conceito inicial, surgem novas associações semânticas que apontam para um significado propriamente semântico, como *relacionado a* ou *partitivo*, ou para um significado pragmático, como *intimidade* e *desprezo*. Vê-se, assim, a morfologia avaliativa como uma relação de associação entre primitivos semânticos e pragmáticos originados a partir do conceito de *criança*.

Na esteira de Merlini Barbaresi (2015), assumo que a estrutura de significado dos avaliativos leva em conta não somente a denotação morfossemântica relacionada ao tamanho dimensional do objeto e a conotação morfossemântica, mas também deve levar em conta os significados morfopragmáticos e os contextos de uso das formas. Em termos pragmáticos, a autora mostra que as construções avaliativas podem estar relacionadas a funções emotivas, de ironia, de falsa modéstia, de sarcasmo, de raiva e de desprezo, para citar alguns. O que é importante para fins do presente artigo é observar que o mesmo expoente morfofonológico pode estar relacionado unicamente ao significado semântico de dimensão e tamanho, como também pode estar relacionado a um dado efeito pragmático¹⁵.

Dressler e Merlini Barbaresi (1994) desenvolvem o modelo teórico conhecido como Morfopragmática, que lida com o significado pragmático geral das regras morfológicas, de maneira que buscam delimitar os efeitos pragmáticos regulares que são ativados através de uma regra morfológica. A assunção básica é a de que há uma interação entre regras morfológicas e condições pragmáticas, como estratégias de interação e atos de fala, por exemplo. A importância teórica desse modelo está justamente em apresentar um novo prisma de análise para a relação entre a pragmática e a gramática em si, visto que apresenta regularidades entre a pragmática e os demais níveis de análise linguística, algo que muitos linguistas não postulam, uma vez que a pragmática diz respeito primordialmente ao uso das expressões linguísticas.

14 A literatura linguística sobre avaliação morfológica foca no diminutivo porque ele é considerado o caso não-marcado, isto é, a categoria prototípica, de maneira que, caso uma língua apresente aumentativos, por exemplo, assume-se que ela apresenta necessariamente também diminutivos – haveria uma questão de ordem na aquisição entre eles, sendo o diminutivo adquirido anteriormente ao aumentativo, o que está de acordo com a observação de que no discurso das crianças há uma proliferação de hipocorísticos, por exemplo. Essa observação foi definida por Bauer (1997) como um dos universais linguísticos.

15 Na verdade, uma forma como *mãezona*, por exemplo, apesar de apresentar uma forma de aumentativo, não parece estar relacionada à questão de tamanho, estando somente relacionada à intensificação positiva do referente. No caso do diminutivo, uma construção como *festinha*, por exemplo, pode ser ambígua entre uma leitura diminutiva prototípica (uma festa pequena, íntima) e uma leitura pejorativa (uma festa ruim, sem relevância), a depender do contexto sintático e da intenção do falante.

A análise dos autores parte primordialmente da existência de um traço pragmático [fictivo], que faz referência ao componente da atitude subjetiva do falante diante de um evento ou de uma pessoa ou de um objeto, criando-se, assim, uma escala de valores dados pelo indivíduo em questão, o que se distancia dos padrões de significado convencionalmente aceitos. Tal traço permite, por exemplo, que, em algumas línguas, os diminutivos e os aumentativos tenham um mesmo efeito pragmático, visto que compartilham esse mesmo traço pragmático. Dessa forma, o significado é visto como a junção de traços invariantes de nível semântico e pragmático, não sendo decomponível exclusivamente em um dos dois níveis.

O que nos interessa no modelo em questão é o fato de que a morfologia avaliativa é vista em termos da gramaticalização de fenômenos pragmáticos. Conforme veremos na próxima seção, isso está diretamente relacionado com a hipótese defendida neste artigo, segundo a qual há um traço dissociado [Eval] na derivação das formas em questão. Tal traço é adjungido à estrutura derivada sintaticamente na Estrutura Morfológica, como um traço dissociado, e ele representa a interface morfologia-semântica-pragmática propriamente dita: trata-se de um traço semântico-pragmático gramaticalmente relevante, uma vez que influencia na seleção do item de vocabulário que realiza fonologicamente a avaliação.

Por fim, é importante citarmos a questão da extragramaticalidade. Segundo Mattiello (2013), por exemplo, no cerne do modelo teórico da Morfologia Natural, processos morfológicos como *blends* e formas truncadas são vistos como extragramaticais, pois não estão sujeitos aos mecanismos morfológicos regulares de formação de palavras, sendo que são formados essencialmente por padrões de analogia obtidos a partir de estruturas morfológicas já em uso em outras construções da língua em questão. A morfologia extragramatical não é sinônimo de morfologia avaliativa; na verdade, a extragramaticalidade abarca uma quantidade variada de fenômenos, dentre os quais estão os casos de morfologia avaliativa já citados. O que nos interessa aqui é destacar que, na visão da autora, os fenômenos extragramaticais violam princípios universais e princípios gramaticais de formação de palavras, sendo necessário, portanto, que eles estejam separados do módulo da gramática morfológica; tais violações se dão principalmente por conta do comportamento morfofonológico dos fenômenos, visto que estamos diante de casos de morfologia subtrativa.

Neste artigo, entretanto, proponho uma reinterpretação do conceito de extragramaticalidade. Na visão desenvolvida na próxima seção, os casos específicos de morfologia avaliativa não estão alocados num componente extragramatical específico caracterizado pela violação de princípios morfológicos universais. Na realidade, eles são derivados a partir da interação entre a estrutura morfológica e uma leitura enciclopédica, de maneira que um dado expoente morfofonológico esteja diretamente ligado a uma interpretação semântica e a um efeito pragmático determinado. Com isso, trago um contraponto à visão da autora ao defender que tais processos são regulares e derivados diretamente pela arquitetura da gramática do falante.

Em suma, essa seção trouxe uma sistematização da maneira pela qual a avaliação foi vista em estudos anteriores e como tais estudos relacionam informações morfofonológicas, semânticas e pragmáticas no âmbito da morfologia avaliativa. Assumo, assim, o conceito de morfologia avaliativa em (4), o qual já antevê a análise proposta na próxima seção, uma vez que a vê como a explicitação prototípica pertinente à interface morfologia-semântica-pragmática, através de um traço semântico-pragmático gramaticalmente relevante, [Eval], que é realizado por um item de vocabulário específico e que desencadeia uma leitura semântica particular e um efeito pragmático específico na interface conceitual.

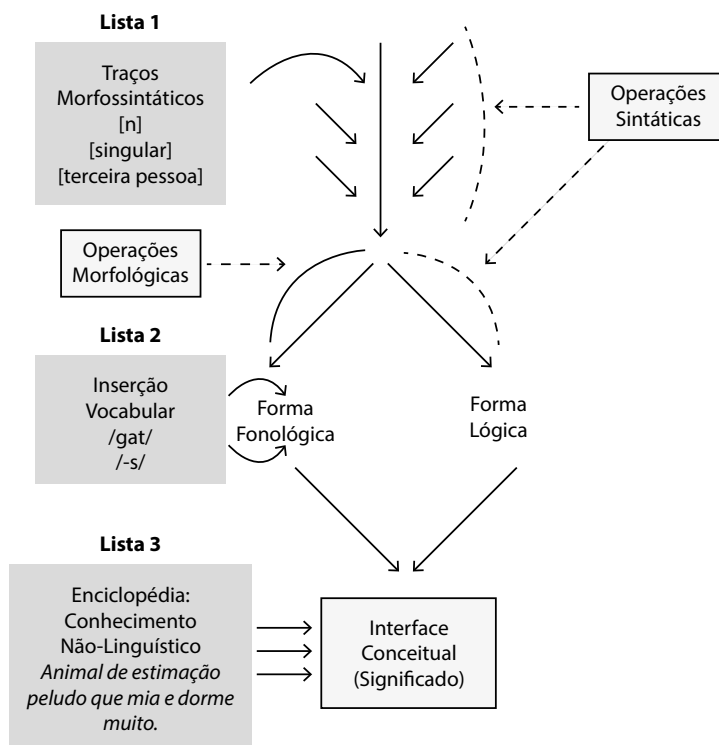
- (4) **Morfologia avaliativa:** engloba fenômenos morfosemanticopragmáticos em que a avaliação – isto é, a explicitação da atitude subjetiva do falante diante de um evento, de um objeto ou de uma pessoa – é codificada linguisticamente por meio de um expoente morfofonológico – um sufixo, um *blend*, uma forma truncada etc. Tais realizações envolvem leituras semânticas de diminutivo, aumentativo, pejoratividade e afetividade.

3 MORFOLOGIA AVALIATIVA EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A MD (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) é um dos desdobramentos da Gramática Gerativa que argumenta contra a existência de um Léxico gerativo responsável pela formação de palavras; a derivação das palavras é realizada no mesmo componente responsável pela formação de sentenças, a saber, a computação sintática. Dessa forma, as palavras são formadas pela mesma operação defendida pela sintaxe minimalista, *Merge*, sendo que a derivação sintática manipula apenas traços abstratos – sem conteúdo fonológico. As três assunções principais do modelo são a inserção tardia de vocabulário, a subespecificação dos itens de vocabulário – sendo que os itens de vocabulário são regras que relacionam um dado contexto morfossintático a uma informação fonológica – e a existência de uma estrutura sintática por toda a derivação. Para os fins deste artigo, detenho-me em delimitar exatamente o que entendo por Enciclopédia e Estrutura Morfológica, que são os componentes do modelo essenciais para a análise proposta.

De maneira geral, na literatura em MD (para as discussões iniciais, cf. MARANTZ, 1996; HARLEY; NOYER, 1999), a Enciclopédia é vista como o repositório de significados especiais tanto em relação às raízes, quanto em relação aos demais objetos construídos sintaticamente. Nesse cenário, assume-se, por um lado, que a Enciclopédia tem acesso apenas à Forma Lógica (LF) ou, por outro lado, que ela possui acesso tanto à interface semântica quanto à Forma Fonológica (PF) através da Interface Conceitual (cf. EMBICK; NOYER, 2007; SIDDIQI, 2009). Para vias da hipótese que proponho aqui, assumo a representação de Siddiqi (2009), conforme apresentada na Figura 1 abaixo, de maneira que a Enciclopédia tenha acesso tanto a PF quanto a LF via Interface Conceitual.

FIGURA 1 — ARQUITETURA DA GRAMÁTICA DA MD



Fonte: Armelin (2015, p. 25), adaptada de Siddiqi (2009, p. 14).

Entre as operações morfológicas, podemos citar a adição de morfemas ou traços dissociados, o empobrecimento, a fissão e a fusão. Essas operações permitem que informações sintaticamente e logicamente¹⁶ irrelevantes, mas morfolologicamente relevantes, sejam adicionadas à estrutura e que a estrutura sintática seja adequada à exponência morfofonológica de uma língua em particular. Um morfema ou traço dissociado é adicionado à estrutura como um requerimento de boa formação específico de uma dada língua, como acontece com as vogais temáticas no PB, por exemplo (cf. ALCÂNTARA, 2003); outro exemplo são os nós de concordância (cf. EMBICK; NOYER, 2007).

Neste artigo, defendo que há um traço semântico-pragmático [Eval] gramaticalmente relevante que se adjunge à estrutura sintática formada somente na Estrutura Morfológica, como um traço dissociado¹⁷. Ele é adicionado à estrutura em contextos específicos de

16 Entendendo-se logicamente irrelevantes como informações não relevantes para a interface Lógico-Semântica (LF).

17 A caracterização da avaliação enquanto um morfema ou um traço dissociado é um dos pontos da proposta que merece maior investigação. Isso é esperado, visto que a natureza morfopragmática da avaliação difere da natureza morfofonológica de casos mais prototípicos de morfemas dissociados, como é o caso das vogais temáticas. Na nota de rodapé 25, Embick e Noyer (2007, p. 308) ressaltam que, no tratamento dos traços de Caso, duas possibilidades aparecem: considerá-los como um traço dissociado que é adicionado ao nó de número (plural ou singular) ou considerá-los como um nó dissociado que é fundido ao nó de número. Na proposta aqui desenvolvida, essas possibilidades também se mostram, uma vez que o morfema avaliativo pode tanto ser visto como um traço dissociado quanto como um morfema dissociado que sofre fusão com o núcleo categorizador. Na esteira do que concluem os autores citados, o importante aqui é que a avaliação é

criação pragmática de palavras, nas quais a atitude do falante é levada em conta¹⁸. Apesar de se distanciar da natureza dos demais morfemas e traços dissociados citados, uma vez que é originalmente semântico-pragmático, esse morfema é morfologicamente relevante: ele influencia na escolha do expoente morfofonológico adequado no processo de inserção de vocabulário e contribui para a interpretação semântico-pragmática a ser atribuída à estrutura pela Enciclopédia na Interface Conceitual. Nesse sentido, a análise desenvolvida aqui segue Marantz (1996) ao defender que o *input* para a interpretação semântica não é somente LF, mas também PF. Dessa forma, as entradas enciclopédicas relacionam conexões entre PF e LF e significados não composicionais, de maneira que a derivação completa é levada em conta na atribuição de significado a uma dada derivação.

Assumo também uma visão de raiz como índice (cf. HARLEY, 2014)¹⁹, não dotada de conteúdo semântico ou fonológico desde o começo da derivação. Considero que a configuração da Enciclopédia citada não é incompatível com a visão de raiz enquanto índice: em termos de interpretação semântica, LF²⁰ não tem acesso à lista de raízes ativas em uma dada língua, sendo que o pareamento entre um dado índice e uma dada interpretação semântica é feito na Interface Conceitual via Enciclopédia.

Em termos de fases no nível da palavra, assumo a argumentação de Marantz (2001), segundo a qual os núcleos que formam palavras identificados por categorias como *nome*, *verbo* e *adjetivo* são núcleos de fase²¹.

uma informação relevante apenas para a interface morfologia-pragmática, de modo que não esteja presente desde a derivação sintática – o argumento principal para isso, conforme citado anteriormente, é o fato de os diminutivos, os aumentativos, os pejorativos e os afetivos não serem categorias universalmente presentes nas línguas do mundo. Nesse sentido, Körtvélyessy (2015) defende que a morfologia avaliativa não é um universal linguístico: num conjunto de 203 línguas, 58 línguas (que corresponde a 29%) não possuem nenhum tipo de morfologia avaliativa; a morfologia avaliativa é restrita a línguas que a apresentam e é, portanto, um fenômeno areal. Assumo que se trata de um traço avaliativo e deixo para trabalhos subsequentes a discussão acerca da diferença exata entre morfema dissociado e traço dissociado.

18 Um parecerista anônimo questiona o que seria exatamente essa criação pragmática de palavras e se seria algo diferente da flexão ou da derivação, sendo, por exemplo, um processo subsequente à derivação ou à flexão. A criação pragmática de palavras é vista, neste artigo, como a formação de palavras que leva em conta mecanismos específicos de uma dada língua que permitem à falante produzir um termo com uma leitura semântico-pragmática determinada pela valoração subjetiva que ela faz de algum objeto, de alguma ação ou de alguma pessoa. Isso pode trazer um efeito pragmático – ironia, eufemismo, jocosidade, por exemplo – que afeta o ato de fala e a relação estabelecida com sua ouvinte. Com relação à dicotomia flexão-derivação, é importante ressaltar que a MD não faz uma distinção entre os dois processos, de maneira que situar a morfologia avaliativa em uma das duas não é um movimento teórico necessário. Todavia, esse questionamento será abordado em trabalhos subsequentes de maneira a contemplar quais características da morfologia avaliativa a aproximam da flexão e da derivação, bem como de maneira a contemplar de que maneira a assunção de fases de Marantz (2001) pode aproximá-la da derivação, visto que estamos lidando com um único núcleo fásico.

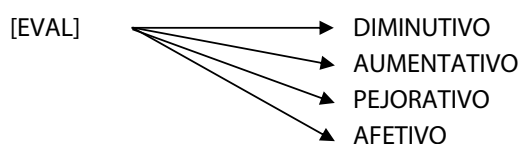
19 Assumo parcialmente a visão da autora, uma vez que assumo a raiz como índice, mas não considero que a raiz seja capaz de selecionar diretamente seu argumento interno. Foge ao escopo deste artigo desenvolver esse argumento.

20 Considero que LF está relacionada a questões lógico-semânticas, como escopo de quantificador, por exemplo, não estando relacionada à interpretação semântica *lexical* da raiz num dado contexto sintático.

21 Não me detenho muito na discussão sobre fases no nível da palavra, principalmente porque estamos lidando essencialmente com estruturas formadas por uma única raiz e um único núcleo categorizador, o que faz com que estejamos lidando inevitavelmente com uma única fase.

Além disso, assumo aqui que o morfema avaliativo pode pertencer a quatro categorias semânticas primitivas, tendo, assim, naturezas diferentes: diminutivo, aumentativo, pejorativo e afetivo – com base na proposta de Cinque (2015) para a projeção estendida dos nomes numa proposta cartográfica. Em (5) abaixo trago uma sistematização dos tipos de avaliação propostos.

(5) Tipos de avaliação



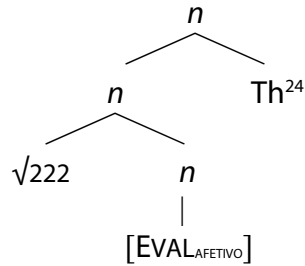
Visto que os diminutivos são os casos prototípicos de morfologia avaliativa e que existe uma gama considerável de trabalhos acerca desse fenômeno morfológico (cf. DRESSLER; MERLINI BARBARESI, 1994; PRIETO, 2005, entre outros), optei por restringir minha análise aos demais casos. Todavia, a análise que proponho se baseia na defesa de que, já que o diminutivo não é uma categoria presente em todas as línguas, ele não seria uma informação presente na Lista 1 e, portanto, envolveria uma avaliação do tipo quantitativa vista anteriormente em seu caso prototípico²². A análise proposta a seguir permite explicar, por exemplo, o fato de os expoentes de diminutivo serem ambíguos entre uma leitura diminutiva propriamente dita (*festinha* como uma festa pequena, com pouco convidados) e uma leitura pejorativa (*festinha* como uma festa ruim, de pouca relevância): no primeiro caso, o [Eval] selecionado é especificado para diminutivo, enquanto no segundo caso o [Eval] selecionado é especificado para pejorativo; em termos de inserção de vocabulário, poderíamos assumir que a forma fonológica /ijn/ seria uma forma extremamente subespecificada que realizaria os dois tipos de morfema [Eval]²³.

Em formas avaliativas eminentemente qualitativas como o morfema *-oc* ou como o morfema *-aç*, a motivação para a existência do morfema avaliativo é dada de maneira direta, visto que aqui estamos lidando com casos de formações em que a leitura com efeito pragmático é a única possível. Em (6) trago as representações morfológicas para *piadoca*, *pontaço* e *republiqueta*. Para garantir que o item de vocabulário correto seja escolhido, isto é, para garantir que o item de vocabulário que realize os morfemas da estrutura seja aquele com as informações contextuais necessárias, o traço avaliativo cria os contextos necessários para inserção, impedindo que qualquer outro item de vocabulário que poderia realizar um dado núcleo categorizador nominal seja escolhido.

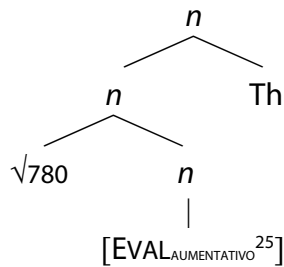
22 Foge ao escopo deste artigo analisar se o diminutivo seria uma informação sintático-semântica relevante para fins da computação sintática e de LF. Todavia, esse pode ser um trabalho muito interessante, que nos ajudaria a determinar que tipos de informação estariam presentes deste a Lista 1.

23 Essa é uma análise inicial e não fundamentada. Carece de uma maior investigação.

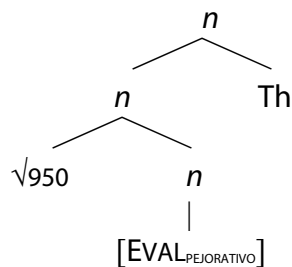
- (6) Estrutura morfológica para *piadoca*, *pontaço* e *republiqueta*
 a. Estrutura morfológica para *piadoca*



- b. Estrutura morfológica para *pontaço*



- c. Estrutura morfológica para *republiqueta*



Os itens de vocabulário e as instruções enciclopédicas para as derivações acima estão em (7) e (8), respectivamente. Nas instruções enciclopédicas, ficam visíveis os efeitos pragmáticos das formações avaliativas.

- (7) Itens de vocabulário para *piadoca*, *pontaço* e *republiqueta*

- a. Itens de vocabulário para *piadoca*

/piad/ ↔ √222
 /ɔk/ ↔ [+EVAL_{AFETIVO} +N]
 /a/ ↔ Th[II]²⁴

- b. Itens de vocabulário para *pontaço*

/pont/ ↔ √780
 /as/ ↔ [+EVAL_{AUMENTATIVO} +N]
 /o/ ↔ Th[I]²⁵

24 Aqui, assumindo a análise de Alcântara (2010), teríamos um sufixo temático de classe II.

25 Aqui, assumindo a análise de Alcântara (2010), teríamos um sufixo temático de classe I.

- c. Itens de vocabulário para *republiqueta*
 /republik/ ↔ √950²⁶
 /et/ ↔ [+EVAL^{PEJORATIVO}, +N]
 /a/ ↔ Th[II]²⁷
- (8) Entradas enciclopédicas para *piadoca*, *pontaço* e *republiqueta*
- a. √222 ↔ ‘uma gracinha, um trocadilho muito bom’ / [Eval]
 ‘dito que tem a intenção de fazer rir’ *nos demais ambientes*
- b. √780 ↔ ‘ponto extremamente bonito e bem feito’ / [Eval]
 ‘lance esportivo vencedor’ *nos demais ambientes*
- c. √950 ↔ ‘república pequena ou insignificante’ / [Eval]
 ‘forma de governo em que o Estado se constitui de modo a atender
 o interesse geral dos cidadãos’ *nos demais ambientes*

A análise aqui desenvolvida dialoga diretamente com a proposta de Scher (2018) e de Scher e Marangoni Junior (2020) para as formas truncadas e para os *blends* do PB. Scher (2018) reconhece a importância do morfema avaliativo nas formas nominais truncadas que analisa, mas considera que tal morfema está presente na Lista 1. Para a autora, as formas truncadas são derivadas sintaticamente a partir da raiz, à qual um núcleo categorizador nominal e um morfema avaliativo são associados; a presença desse morfema avaliativo acarreta o empobrecimento do traço N no núcleo *n*, o que, conseqüentemente, impede que esse nó seja realizado por um categorizador *n* comum; nenhuma realização fonológica será, então, capaz de realizar o sufixo derivacional na estrutura da forma truncada. A análise aqui proposta parte da mesma intuição que a autora teve, mas considera que as formações avaliativas refletem diretamente a interface morfologia-semântica-pragmática, sendo uma informação não universal e que faz parte da morfologia de línguas individuais. A mesma diferença se dá com relação à análise dos *blends* no texto de 2020 e em Marangoni Junior (2021); na proposta do autor, os *blends* são vistos como um subtipo dos compostos que apresenta uma leitura avaliativa dada pela existência de um morfema avaliativo desde a Lista 1. Nos desdobramentos da pesquisa iniciada neste artigo, a hipótese de que a morfologia avaliativa envolve essencialmente um traço avaliativo dissociado será testada também para casos de morfologia subtrativa como os *blends* e as formas truncadas: uma análise inicial a ser desenvolvida é a de que tais formas linguísticas são formadas também pela existência de um traço avaliativo dissociado adjungido à estrutura derivada somente em PF; nesses casos, a inserção de vocabulário pode se dar pela seleção de um dado alomorfe da raiz por parte da Enciclopédia, estando tal alomorfe especificado para realizar os contextos em que há um traço nominal e um traço avaliativo juntos.

26 Aqui, considero que, sincronicamente, a raiz da palavra *república* seja *republic-*, pois não me parece que os falantes atuais do português reconheçam aqui duas partes distintas.

27 Aqui, assumindo a análise de Alcântara (2010), teríamos um sufixo temático de classe II.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma análise unificada para a morfologia avaliativa valendo-se do modelo teórico da Morfologia Distribuída. As formações morfológicas avaliativas refletem de maneira direta a necessidade de postularmos a existência da interface morfologia-semântica-pragmática, pois envolvem obrigatoriamente um dado expoente morfofonológico – um afixo ou uma forma truncada, por exemplo, tratados aqui como a realização de um núcleo categorizador nominal ao qual um traço avaliativo se adjunge em PF – que está diretamente relacionado a um efeito pragmático resultante da avaliação, por parte do falante, acerca de uma dada pessoa, um dado evento ou um dado objeto. Reinterpretamos, dessa forma, a noção de extragramaticalidade: o modelo teórico em questão possui ferramentas suficientes para permitir um tratamento regular da morfologia avaliativa, sem precisarmos recorrer à defesa de que ela envolve violações graves de princípios morfológicos universais.

Especificamente, defendi que formações avaliativas como *piadoca*, *pontaço* e *republiqueta* são formadas pela concatenação sintática entre uma raiz e um núcleo categorizador nominal. Na Estrutura Morfológica, um traço e um morfema dissociados são adicionados à estrutura: primeiramente, o traço [Eval], que gramaticaliza uma informação semântico-pragmática e que reflete diretamente o caráter subjetivo e criativo das formações avaliativas, e, em seguida, o morfema temático, que é exigido por condições de boa formação morfofonológica no PB. O traço em questão garante que o item de vocabulário correto seja selecionado e impede que um outro item de vocabulário possível realize fonologicamente o categorizador em questão. Em termos enciclopédicos, mostrei que a presença do morfema avaliativo permite que codifiquemos instruções enciclopédicas especificadas para efeitos semântico-pragmáticos de diminutivo, aumentativo, pejorativo e afetivo.

Por fim, cabe ressaltar que esta análise é uma tentativa inicial de abordar a morfologia avaliativa no cerne da MD e, portanto, carece de maior aprofundamento e analisa uma quantidade limitada de dados. Os próximos passos dessa pesquisa incluem verificar a plausibilidade e a motivação para tratarmos o morfema avaliativo como um morfema dissociado ou como um traço dissociado, o que passa fundamentalmente pela investigação tipológica dos diminutivos, aumentativos, pejorativos e afetivos, de modo a se considerar se eles são ou não instâncias de uma informação já presente desde a Lista 1. Além disso, é interessante ampliar a análise em questão para fenômenos não concatenativos como *blends*, formas truncadas e hipocorísticos, para ver se uma análise unificada é possível. Além disso, é interessante investigar de que maneira a morfologia avaliativa corrobora ou enfraquece a dicotomia flexão-derivação.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C. da C. *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ALCÂNTARA, C da C. *As classes formais do português brasileiro*. *Letras de Hoje*, 45(1), p. 5-15, 2010.

ARMELIN, P. R. G. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominiais do Português Brasileiro: uma abordagem sintática da formação de palavras*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BAUER, L. Evaluative morphology: in search of universals. *Studies in Language*, v. 21, n. 3, p. 533–575, 1997.

BEARD, R. *Lexeme-Morpheme Base Morphology*. Alabama: SUNY Press, 1995.

CINQUE, G. Augmentative, pejorative, diminutive and endearing heads in the extended nominal projection. In: DI DOMENICO, E.; HAMANN, C.; MATTEINI, S. (eds.). *Structures, Strategies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 67-81.

DRESSLER, W. U.; MERLINI BARBARESI, L. *Morphopragmatics: Diminutives and Intensifiers in Italian, German and Other Languages*. Berlin: De Gruyter, 1994.

DRESSLER, W. U.; MERLINI BARBARESI, L. Pragmatics and Morphology: Morphopragmatics. In: HUANG, Y. (ed.). *The Oxford Handbook of Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 493-510.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (orgs.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289–324.

GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. Introduction: why evaluative morphology? In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 3-20.

GRIES, S. T. Shouldn't it be breakfunch? A quantitative analysis of blend structure in English. *Linguistics*, 42(3), p. 639-667, 2004.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. K. (orgs.). *The View from Building 20; Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, 40(3/4), p. 225-276, 2014.

HARLEY, H.; NOYER, R. State-of-the-article: Distributed Morphology. *Glott International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.

JURAFSKY, D. Universal tendencies in the semantics of the diminutive. *Language*, 72: 3, p. 533-578, 1996.

KÖRTVÉLYESSY, L. Evaluative morphology and language universals. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 61-73.

MARANGONI JUNIOR, C. E. *A blendividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARANTZ, A. *"Cat" as a Phrasal Idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology*. Manuscrito, MIT, 1996.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MARANTZ, A. Words. WCCFL XX Handout, USC, Feb. 2001.

MARTÍN CALVO, R. Evaluative Morphology: Conditions and Properties of Evaluative Forms Obtained by Affixation. In: DREIJERS, G.; DUBOVA, A.; VECKRACIS, J. (eds.). *Bridging Languages and Cultures. Linguistics, Translation Studies and Intercultural Communication*. Berlin: Frank & Timme, 2019. p. 133-151.

MATTIELLO, E. *Extra-grammatical morphology in English: Abbreviations, blends, reduplicatives, and related phenomena*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

MERLINI BARBARESI, L. Evaluative morphology and pragmatics. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 32-42.

PRIETO, V. M. *Spanish Evaluative Morphology: Pragmatic, Sociolinguistic, and Semantic Issues*. PhD Dissertation – University of Florida, Gainesville, 2005.

PRIETO, V. M. The Semantics of Evaluative Morphology. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 21-31.

SCALISE, S. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SCHER, A. P. *Por menos morfologia não concatenativa: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro*. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SCHER, A. P.; MARANGONI JUNIOR, C. E. Novas evidências em favor de um morfema avaliativo – [Eval]: formas nominais truncadas e blends em português brasileiro. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, número especial, p. 4636-4657, 2020.

SIDDIQI, D. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

STUMP, G. How peculiar is evaluative morphology? *Journal of Linguistics*, 29, p. 1-36, 1993.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia do Português*. Lisboa: FCT, 2000.